

Quem não se vê não se reconhece. Quem não se reconhece não se identifica. Quem não se identifica não se ama, tem baixa autoestima e se desinteressa tanto por si próprio quanto pelo outro. E ainda querem impor-lhe conceitos de cidadania...

Dos 60 anos que tenho vivido, neste tempo e espaço, durante, pelo menos, os últimos 40, eu me questionava sobre o porquê dos chamados grandes veículos de comunicação se postarem terminantemente contra todas as reivindicações e conquistas do movimento social negro. Mesmo alguns que se fantasiavam de progressistas.

Digo “me questionava”, porque, há duas semanas, durante uma palestra sobre as dificuldades de implementação das Leis 10.639 e 11.645 nas escolas brasileiras, a Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves, autora do parecer que alterou a Lei de Diretrizes e Base, incluindo o ensino de Cultura e História Africana e Afro-Brasileira, me deu a resposta:

“Ao contrário do que se pensa, não se trata de má vontade de alguns educadores e gestores, despreparo ou falta de material didático específico e/ou paradidático. Trata-se do **MODELO DE SOCIEDADE** pensado e reproduzido pela educação brasileira”.

Aí eu entendi. Cabe à mídia o papel de conduzir a opinião pública exatamente para esse mesmo **MODELO DE SOCIEDADE**.

Um modelo que não difere daquele de 1808, quando nasceu a imprensa brasileira, com a vinda da Família Real Portuguesa e a criação da Imprensa Régia. Tempo em que não existia ainda a comunicação de massa. Quais eram os poucos letrados daquele momento? Quem fazia aquelas publicações? Quem as lia? Que interesses eram expostos nas linhas e impostos nas entrelinhas?

O negro surge nos jornais do nosso País, no início do século XIX, nos anúncios de venda de lotes de escravizados trazidos da África e indivíduos vendidos por seus senhores. Logo em seguida, ou talvez simultaneamente, surgem também os anúncio de escravizados foragidos. Esse era o nosso espaço na imprensa, naquele momento histórico.

Quando começam a existir editoriais e seções nos jornais, nos foram reservadas primeiro as páginas policiais. Mais tarde alguma coisa nas páginas esportivas. As de artes e literatura também mostravam criações de alguns dos nossos, porém, salvo raras exceções, quando se publicavam fotografias dos autores, eles eram embranquecidos o máximo possível. Já nas editoriais de economia, ciências e política, nem pensar. Exceto Nilo Peçanha, 7º presidente do Brasil, em 1909, e 1º afrodescendente (com a morte de Afonso Pena). Pejorativamente alguns jornais o chamavam de “o Mestiço do Morro do Coco”.

Sou escritor, autor de alguns livros. O mais recente é o romance histórico *A Legião Negra*. E eu devo ao Prof.Dr. Petrônio José Domingues, a eterna gratidão por revelar um momento em que os negros ocuparam na imprensa paulista algum destaque: na Campanha Constitucionalista de 1932. Nossos batalhões voluntários foram exaltados e as comunidades negras estimuladas a engrossar esses batalhões. Mas destaca Domingues, como “solidários à justa causa da brava gente paulista”, e não como paulistas que eram.

E porque isto? Por não estarmos incluídos no **MODELO DE SOCIEDADE** pensado pela oligarquia paulista e defendido por seus meios de comunicação. Agora, além dos jornais, havia também o rádio.

Algumas personalidades negras conseguem nos meios de comunicação uma exposição equivalente e, algumas vezes, até superior a outras não negras. Seja no esporte, nas artes, na política internacional, até mesmo na academia e, mais recentemente, no Supremo Tribunal Federal. Porém, para ocuparem esses espaços, essas pessoas são elevadas à categoria de heróis e heroínas. E, a todo momento, dá-se um jeito de mostrá-las como exceções. Da mesma forma que a mídia as avaliza, pode lançá-las no limbo ou, até mesmo, ao inferno.

Hoje, está em exibição uma minissérie chamada *Subúrbia*, em que quase 100% do elenco é negro. Uma história rica e emocionante, dizem os que a assistem. Será que mudou a sociedade ou mudou a televisão brasileira?

Acompanhemos o desenrolar da minissérie para vermos que personagens sairão vitoriosos e servirão de modelo aos telespectadores, que se identificam com eles, e quais serão derrotados. Aí, teremos a confirmação de qual é o nosso papel no **MODELO DE SOCIEDADE** defendido por esse meio de comunicação.

Nós, do movimento social negro brasileiro, também defendemos um **MODELO DE SOCIEDADE**. Ele exige uma mudança de paradigmas e rejeita o eurocentrismo e a essa visão social elitista. Um **MODELO DE SOCIEDADE** pautado na justiça social, no respeito à diversidade, na equidade e na absoluta igualdade de oportunidades para todos. Nada diferente do que consta na Constituição e que fortalece a identidade de nossa gente.

Deixo os senhores e senhoras com um pensamento:

A identidade fortalecida é fundamental na formação de jovens e adultos com autoestima elevada, respeito próprio e pelo outro, estimulados à busca da felicidade e aptos a se tornarem verdadeiros agentes sociais e de transformação da realidade.

Boa noite e muito obrigado!